



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em dezembro de 2017**

volume
21
Dez 2015
ISSN 1519-2695

volume
22
Dez 2016
ISSN 1519-2695

ICH - UFPEL

A ALVORADA
HISTORIOGRAFIA
MUSEU NACIONAL
PELOTENSE
ARQUEOLOGIA
MUSEU
MEDIEVO
DIÁRIOS
CRÔNICAS
LIVROS DIDÁTICOS
ESTADO
LAZER
FONTES HISTÓRICAS
CARTAS
JOINVILLE
INTERNET
HISTÓRIA CULTURAL
O EXEMPLO
ESCRITA
EDUCAÇÃO
NEGROS
HARTOG
JORNAL
BIBLIOTECA NACIONAL
SAMBAQUI
METODOLOGIA

**História em**
revista do núcleo de documentação histórica **revista**



MARCELINO FREIRE E A NOVA PAISAGEM DA ESCRITA

MARCELINO FREIRE AND THE NEW WRITING LANDSCAPE

Tatiana de Almeida Nunes da Costa¹

Resumo: A constante presença de expressões como “múltiplo”, “heterogêneo”, “diverso” nos registros da produção intelectual que toma a contemporaneidade como assunto coloca em tensão o movimento, cada vez mais frequente, de abalo das tradicionais demarcações das fronteiras disciplinares. Pensar o atual é ter em mente o crescente diálogo entre linguagens, gêneros e formas. Diante desse cenário, o estudo da história tem se aberto a diversos encontros, oferecendo outras formas de relação com o sensível. No presente trabalho, procuramos pensar possíveis interseções entre as problematizações sobre a escrita contemporânea no campo da história e da literatura. Para realizar essa empresa, tomamos como referência a produção do escritor pernambucano Marcelino Freire, um dos principais nomes da ficção brasileira a questionar a atual cena literária. Através do espaço do livro, Freire elege como protagonistas indivíduos marginalizados que a partir de suas atitudes desafiam o esperado.

Palavras-chave: Marcelino Freire – História – Literatura

A constante presença de expressões como “múltiplo”, “heterogêneo”, “diverso” nos registros da produção intelectual que toma a contemporaneidade como assunto coloca em tensão o movimento, cada vez mais frequente, de abalo das tradicionais demarcações das fronteiras disciplinares. Pensar o atual é ter em mente o crescente diálogo entre linguagens, gêneros e formas. Diante desse cenário, o estudo da história tem se aberto a diversos encontros, oferecendo outras formas de relação com o sensível. E mais, o intenso diálogo entre linguagens, gêneros e formas tem contribuído ainda mais para o surgimento de outros modos de expressão. Não como colagem, como hibridização, mas como uma construção que problematiza sentidos clássicos como os de obra, autoria, público, etc.

Florencia Garramuño, pensando pontualmente objetos artísticos brasileiros e argentinos que vêm colocando em suspensão a noção de pertencimento a um segmento em especial, chama atenção para um contemporâneo marcado pela existência de uma “arte inespecífica”, ou seja, diante de um momento que tem a fragmentação como digital, seria na quebra de delimitações de formas artísticas e/ou de suportes, despertando consequentes movimentos de trocas, fluxos, que Florencia advoga uma possível pertença a um sentido de comum. Segundo Garramuño:

¹ Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: tialmeida2002@yahoo.com.br

Para além de uma essência produzida coletivamente, para além da identificação homogênea que funda o pertencimento, a grande aposta da arte inespecífica se propõe como uma invenção do comum sustentada num radical deslocamento da propriedade e do pertencimento (GARRAMUÑO, 2014, p. 85).

A produção do escritor pernambucano Marcelino Freire converge de forma intensa para esse panorama, jogando-nos em um terreno que solicita a ampliação de diálogos, a entrada em universos que transcendem o literário para, assim, melhor problematizar as questões presentes em seus textos. Até mesmo porque o próprio Marcelino repetidas vezes pontua seu interesse em repensar a atual cena da literatura brasileira a partir da abertura a novos encontros. “Tirar a literatura do seu lugar sagrado”, buscar uma “literatura sem frescura”², falas reiteradas por Marcelino que nos ajudam a captar o tom desse novo cenário da literatura.

Movimento que não é isolado e que, no caso de Freire, tem como parceiros principais autores voltados para os espaços da margem³. As noções de parceria, de partilha, de conexão, de coletividade, compõem essas práticas plurais. Com entusiasmo, Marcelino comenta a nova paisagem da escrita, ressaltando não apenas sua potência como promotora de novos textos como também como impulsionadora de agenciamentos políticos:

Não existe mais, como antigamente, a figura apenas de um único autor, de uma única autora. São vários autores fazendo a cena, revigorando a paisagem. Sempre digo que não há na literatura brasileira atual uma ação tão apaixonada e apaixonante e guerrilheira como a cena que acontece na periferia de São Paulo. Os escritores encastelados ignoram, as academias estão peidando para isto, mas isto é o presente mais cheio de futuro e eternidade que eu conheço. Porque os autores da periferia não só deixarão livros, mas deixarão exemplos, atitudes, deixarão suas comunidades, para sempre, transformadas, donas de si, cheias de pulsação e autoestima. Acredito nisto. Eu escrevo porque eu acredito nisto. Eu levo fé⁴

² Expressão utilizada em entrevista concedida a Marcio Renato dos Santos. Cf. <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=360>. Acessado em 08 novembro 2014.

³ Por sua circulação intensa nos mais diversos eventos literários tanto no Brasil como no exterior, Freire participa de um campo aberto a várias possibilidades de diálogos; no entanto, o escritor repetidas vezes menciona os universos periféricos como principal ponto de interlocução. Ferréz, Paulo Lins, Alessandro Buzo, Sérgio Vaz figuram entre os principais parceiros nesse esforço por outra cena literária. Com o projeto *Quebras*, evento realizado em capitais brasileiras fora dos principais circuitos da escrita, Freire tem ampliado o encontro com autores fora do *mainstream*.

⁴ Disponível em <http://livreopiniao.com/2014/04/17/marcelino-freire-a-literatura-que-eu-escolhi-fazer-ja-tem-me-levado-a-lugares-aonde-eu-nem-imaginava-estar/>

A aparição, para o grande público, de Marcelino Freire compoendo, com outros autores, um *corpus*, um grupo cuja produção poderia vir a indicar certo ambiente próximo, se deu a partir da iniciativa do crítico e escritor Nelson Oliveira. Através do lançamento de duas antologias, “*Geração 90: manuscritos de computador*” (2001) e “*Geração 90: os transgressores*” (2003), Oliveira procurou mapear o que, em seu entendimento, seriam “os melhores contistas e romancistas surgidos na década de 90” (OLIVEIRA, 2003), colocando em um mesmo rol nomes como os de Fernando Bonassi, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Rubens Figueiredo, André Sant’anna, Joca Reiners Terron, Ivana Arruda Leite e os de Altair Martins, Jorge Peiro, Marcelo Mirisola, que, assim como Marcelino, aparecem nas duas coletâneas.

A heterogeneidade daquilo que deveria soar como referencial levou o termo “Geração 90” a um intenso campo de problematizações. Para o crítico literário Karl Erik Schollhammer, o surgimento da primeira coletânea de Nelson Oliveira, à primeira vista, parece remeter mais a um golpe publicitário, visto que a apreciação da organização não permite a visualização de “nenhuma ‘escola literária’, nenhuma tendência clara que unifique todos, e nenhum movimento programático ao qual o escritor estreatante se identifique” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.35), assim cabendo reavaliar a noção de unidade geracional.

Logo em seguida, como quem não foge à tentativa de compreensão dessa “geração” que não se entende como tal⁵, Schollhammer registra dois traços perceptíveis dos escritos dos anos 1990, a saber: (i) a influência das novas tecnologias da comunicação como fomentadora de um gosto pela prosa curta e (ii) a retomada de certas formas e temas da geração de 1970 (SCHOLLHAMMER, 2009, p.36). O crítico fala ainda da intensificação do hibridismo literário como um dos traços da produção ficcional que se inicia na década de noventa (SCHOLLHAMMER, 2009, p.38).

Em debate promovido pela *Ilustrada* no ano de lançamento da segunda antologia organizada por Oliveira, os escritores Bernardo Carvalho, Luiz Ruffato, Marçal Aquino e Milton Hatoum comentaram o selo “Geração 90”. Profundamente incomodado com a inscrição, Bernardo Carvalho identificou o

Acessado em 12 de janeiro 2015.

⁵ Exemplar, nesse sentido, é a fala do escritor Joca Reiners Terron avessa à ideia de identificação com uma geração. Segundo Terron, sua produção é anárquica, isolada, não procura filiações. Em suas palavras: “Eu opero na anarquia, o meu método de criação é a fraude, o plágio, a colagem. Eu sou o último dadaísta vivo!”. Disponível em <<http://acervo.revistabula.com/posts/ensaios/radiografia-da-geracao-90>> Acesso em 09 jun.2015

projeto de Nelson Oliveira como um movimento para autopromoção de “uma geração que funciona para o mercado, não para a literatura” (MACHADO, 2003). Na mesma linha, Hatoum também questionou o viés publicitário da organização. Segundo o escritor, evidencia-se mais um esforço desenfreado pela publicação da obra de novos autores, do que a preocupação com a definição de um programa estético. Colocando em tensão a pouca maturidade desses escritos, Hatoum provoca: “será que esse imediatismo de retratar essa brutalidade e em publicar vão levar a algo interessante?”. E continua, hesitante em relação ao rótulo: “Não acredito em literatura geracional. O tempo vai dizer qual texto sobrevive.” (MACHADO, 2003).

Para Luiz Ruffato, a questão da sobrevivência, da consolidação desses novos registros literários assume papel menos relevante. O que elevava o interessante de Ruffato fora a abertura de espaços de reflexão sobre os rumos da produção literária brasileira. O autor que, apesar de estar presente na coletânea, diz não se identificar com a Geração 90, registra, em tom jocoso, que até a questão mercadológica não soa tão negativa, já que hoje é possível visualizar um mercado literário, o que não se registrava em outros tempos.

Já Marçal Aquino aparece como a voz mais fervorosa em defesa dessa literatura que tem como um de seus principais traços o confronto com uma realidade marcada pela violência. Sem negar que os pontos fracos das escritas literárias contemporâneas⁶, inclusive, elencando sua formação jornalística como possível fator de limitação de sua produção, Aquino defende certa urgência em se fazer presente pela palavra. Trata-se de uma preocupação no lidar com um cotidiano que não espera, que invade, que ameaça. A escrita aparece como ativismo, quase como uma denúncia de um estado que não se pode mais suportar:

com uma realidade dando soco o tempo todo na cara de todo mundo, e não é possível ignorar, escritores que se pretendam realistas não devem também ter voz? (MACHADO, 2003).

Não há como não se lembrar de Freire que, perguntado sobre as motivações de sua literatura, em um jogo de palavras registra o que o afeta: “Eu não escrevo sobre violência, escrevo *sob violência*”⁷ (FREIRE, 2014). Para Karl

⁶ Ruffato criticando o recurso ao realismo em tom quase jornalístico que aparece como um dos traços marcantes das produções contemporâneas registra negativamente: “Uma coisa que eu chamarei de mimética, que é quase jornalística, que se faz muito, e que acho um horror” ver MACHADO, C. E. **Folha reúne quatro autores para debater a ficção feita no país**. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jul. 2003.

⁷ Grifos do próprio.

Erik, a demanda pelo realismo nas produções atuais não deve ser lida como um simples retorno ao realismo do século XIX que procurava retratar a realidade tal qual ela se apresentava, mas sim como uma reinvenção, como outro modo de construção ficcional a partir de dados da realidade. Em autores como Freire, Schollhammer identifica a “procura de um impacto numa determinada realidade social ou na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade com os problemas sociais e culturais de seu tempo” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15), ou seja, enquanto representação de um real que se faz referencial, que parte da noção de experiência.

A motivação por uma literatura de enfrentamento, próxima à de Marçal Aquino, ou talvez a relação com Nelson Oliveira, podem ser fatores que nos ajudem a entender o porquê de Marcelino Freire, diferente de outros escritores, inclusive alguns que tiveram seus nomes arrolados no projeto de Nelson, não ter se incomodado ou rejeitado a rotulação “Geração 90”. Para Freire, a alcunha é ilustrativa de um período de confluência. Para o escritor foram “livros que em algum momento se encontraram”⁸.

No entanto, se, com efeito, é possível notar a partilha de certa ambiência junto a seus pares, tal movimento não se dá sem obstáculos. Tanto sua escrita como suas práticas são elásticas, anunciam outras nuances, sublinham sua colocação em outra ordem. Esquivando-se de caminhos tradicionais, Freire oferece uma fala repleta de sotaques, respirações, encontros, assim construindo uma literatura que não soa fácil aos ouvidos. Não por ser uma linguagem estrangeira, regional, segmentada, mas por trazer à tona o inusitado, aquilo que não se espera.

Escrevendo para se “vingar” de injustiças sociais, como frequentemente procura definir sua forma de atuação, é através da diferença que Marcelino se coloca no espaço. Para tal, elege como protagonistas indivíduos marginalizados que em suas atitudes desafiam o habitual, preenchendo a palavra de desconforto. Se parte considerável da produção literária contemporânea, que assim como Marcelino, procuram tematizar universos periféricos, utiliza-se do efeito do “choque do real”⁹ (JAGUARIBE, 2007, p. 103) como forma de enfatizar o grau

⁸ Fala de Marcelino no Programa “Provocações” exibido na rede de televisão TV Cultura. FREIRE, M. Provocações recebe o escritor Marcelino Freire. Depoiment. 07 dez.2010. TV Cultura. Entrevista concedida a Antonio Abujamra. Disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/provocacoes-recebe-o-escritor-marcelino-freire-bloco-3->> Acesso em 10 out. 2014

⁹ Beatriz Jaguaribe lança mão do conceito de “choque do real” para se referir ao uso em obras de realismo audiovisual e literário do eixo Rio-São Paulo, como por exemplo, os

de realidade narrativa, a proposta de Freire insere sua especificidade, a saber: a utilização de um discurso realista que não se dá pela via do choque agressivo, ou melhor, se realiza através de outro tipo de violência, talvez mais impactante, a simbólica. A não adoção da linguagem do tiro, do sangue, não faz sua literatura menos violenta. Na verdade, é justamente a forma aguda como traz as situações de descaso social que evidenciam a profundidade e a brutalidade dos temas abordados pelo escritor, mesmo que em certos momentos suas palavras recebam pinceladas de humor, recurso que Marcelino também visita, não há alívio naquilo que é ultrajante em suas histórias.

Sua escrita se inscreve no âmbito da política, no sentido de que seu modo de fazer coloca em confronto normas estabelecidas por um grupo dominante e a transgressão das mesmas por indivíduos desviantes. E mais, se pensarmos que seus textos podem fomentar em seus leitores o impulso por novos modos de existência, sua ação se alarga.

A palavra como ruído

Para refletir sobre o viés performático de Marcelino como um modo de fazer que tem por objetivo produzir incômodo, gerar abalo ao *status quo*, tomamos como referência, por um lado, as considerações do compositor e pesquisador musical canadense Murray Schafer sobre a noção de “ruído” e, por outro, procurando um diálogo como o pesquisador brasileiro Giuliano Obici, tencionamos problematizar as questões levantadas por Schafer sobre a ideia de ruído.

Interessado nas relações travadas entre os homens e o ambiente sonoro, Schafer arquitetou um projeto de educação musical, ou melhor, de “limpeza dos ouvidos” dos excessos de ruídos presentes na vida cotidiana. Declaradamente

filmes *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles) e *Ônibus 174* (José Padilha), de mecanismos de estímulo do estado de espanto no leitor/espectador a fim de retirá-lo de sua cômoda situação de observador. Nas palavras da autora: "Defino o 'choque do real', como sendo a utilização de estéticas realistas visando suscitar um efeito de espanto catártico no leitor ou espectador. Busca provocar o incômodo e quer sensibilizar o leitor-espectador sem cair, necessariamente, em registros do grotesco, espetacular, sensacionalista. O impacto do 'choque' decorre da representação de algo que não é necessariamente extraordinário, mas que é exacerbado e intensificado. São ocorrências cotidianas da vivência metropolitana tais como violações, assassinatos, assaltos, lutas, contatos eróticos, que provocam forte ressonância emotiva". JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real:** estética, mídia, cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 103.

incomodado com as *paisagens sonoras*¹⁰ das cidades pós-industriais, o pesquisador tentou traçar uma pedagogia marcada por certo tom nostálgico: era preciso restituir o que foi perdido com a intensificação do processo de modernização das cidades. Ou através de estratégias de treinamento do ouvido, ou por via do silenciar das máquinas.

Em seu projeto, o ponto de partida deveria se voltar para o combate do elemento negativo da sonoridade, a saber, “o negativo do som musical é o ruído” (SCHAFER, 1991, p. 68). Com efeito, Schafer dedicou-se intensamente a um programa de estudo do ruído. Procurando pensá-lo genealogicamente, arrolou suas principais definições semânticas. O ruído poderia ser entendido como:

- 1- som não desejado.
- 2- som não-musical.
- 3- qualquer som forte.
- 4- distúrbio em qualquer sistema de sinalização.

Diante da flexibilidade do termo no tempo e das novas problematizações a respeito da poética musical, a notação adotada pelo pesquisador foi pensar o ruído como “todo o som que interfere. É tudo que não queremos ouvir” (SCHAFER, 1991, p. 69). Assim, o ruído teria um caráter provocador, seria aquilo que se interpõe, o entre. No entanto, para Schafer, essa intromissão fugiria ao controle sensível e não teria um caráter positivo. A exposição aos ruídos em sua perspectiva era entendida como desarmonia. Afetando o cotidiano dos indivíduos, intensificava o stress instaurado pela modernidade.

Buscando conversar com Schafer, mas sem, no entanto, direcionar um tom repressivo, Giuliano Obici propõe outra atitude diante da noção de “ruído”. Obici percebe que é preciso ressignificar a ideia de “ruído”, pensa-lo também como potência, como aquilo que em seus atributos gera abalo a modos instituídos de percepção das coisas. Em suas palavras (OBICI, 2008, p. 43):

Vale apontar aspectos positivos do ruído, como sua potência de criação e ponto de instabilidade, que possibilitam transformações, inventividades, bem como processo de ruptura na estruturação e transmissão do código. Foi assim com a história da música ocidental, que ampliou os horizontes explorando sonoridades estranhas, consideradas ruídos pelos padrões e tratados estéticos. Talvez seja necessário problematizar ainda mais a definição de ruído, assim como a de silêncio. O que se entende por ruído hoje não é o mesmo que em outras épocas.

¹⁰ Sobre o conceito de “Paisagem Sonora” ver SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Como lembra Giuliano Obici, as relações opressoras também possuem seu lado positivo. A insatisfação gera a potência, o vir a ser. Assim, enquanto movimento em prol de outra condição “auditiva” para uma voz por tanto tempo reprimida, o gueto, a favela, a margem anuncia a sua criatividade, sua inventividade. A palavra ressignificada. Potente. Revoltada. Marginal.

Mas se, com efeito, dentro desse quadro ruidoso, a literatura de Marcelino Freire se desenvolve a partir de uma chave diferente da adotada por autores como Ferréz, Sérgio Vaz, Paulo Lins, não parece forçoso pensá-la, assim, como um ruído dentro do próprio ruído, dentro daquilo que já se fazia soar como perturbação, incômodo. A palavra de Marcelino torna-se um estouro, um estrondo quando sutilmente convoca posturas não convencionais, ou não esperadas.

Revelador, nesse sentido, é o conto “Totonha”. Com acidez, Freire em sua narrativa ficcional, denuncia os dilemas do urbano e suas formas de violência moral. A resposta negativa à outra possibilidade de existência, ao mesmo tempo, que possibilita ao leitor o sentimento de espanto ao se deparar com a preferência a não incorporação a uma nova ordem, já que é justamente o cenário de exclusão que possibilita a esses indivíduos o acesso a bens concretos e simbólicos, também permite a reflexão sobre a pouca eficácia das políticas sociais em atender as demandas dos menos favorecidos. No entanto, como lembra Patrocínio, o discurso de Freire se desenvolve sem a preocupação de construir uma situação de vitimização, assim, apresentando suas personagens enquanto indivíduos reais que adotam estratégias de enfrentamento para situações de privação.

Exemplar, nesse sentido, também se faz o conto, “Totonha”. Vale começar pelo final, quando a personagem-narradora registra:

Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever. Ah, não vou.

Em todo o conto, a estética desobediente de Freire é notada na medida em que Totonha, mulher humilde que se recusa a ser alfabetizada, revela sua tentativa de subversão da ordem, não apenas negando-se ao conhecimento obtido através da letra de forma, como também demonstrando sua forma poética de apreensão da realidade fora dos tradicionais mecanismos da cultura letrada:

Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, ta me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.
Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado?

O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha?

Ou ainda:

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende?

Se a noção de proximidade, recurso caro aos escritos periféricos, não se dá a partir do tom de testemunho, o leitor é convidado a ficar mais perto da vivência da personagem, a partir da descrição pessoal realizada pela mesma, evidenciando seu caráter informal não apenas dando um tom de conversa ao registro, mas também pela designação do próprio nome da personagem-título, um apelido, forma de interação destinada àqueles de quem reservamos certo grau de intimidade:

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Em “Muribeca”, a provocação de Marcelino se revela menos na dureza da realidade social representada pela saga de uma catadora de lixo do que na recusa da personagem em abandonar o lixão onde vive com a família. No conto, o espaço da casa é simplesmente um dos principais símbolos da exclusão, ambiente isolado da cidade, da civilidade. No lixão, zona-símbolo do abandono, do que não tem utilidade, do que não tem valor, do que foi “jogado, rasgado, atirado”, a personagem-narrador encontra suas formas de subsistência:

E o que vou cozinhar agora? Onde vou procurar tomate, alho, cebola? Com que dinheiro vou fazer sopa, vou fazer caldo, vou inventar farofa?

Fazer do sujeito que vive a experiência, o próprio autor da fala, é estratégia recorrente de Freire. Para Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, a construção do conto a partir da voz da própria personagem “instaura uma nova dimensão do tema, oferecendo aos leitores, uma percepção que se quer próxima do objeto representado” (PATROCÍNIO, 2013, p. 214). Por outro lado, a suspensão da mediação, oferece ao leitor a percepção de que o excluído pode ser mais do que objeto da narrativa, assim, enquanto sujeito da experiência se mostra capacitado de entender suas mazelas e adotar uma postura ativa, crítica diante das situações enfrentadas:

Onde a gente vai morar, é? Onde a gente vai morar? Aqueles barracos, tudo ali em volta do lixão, quem é que vai levantar? Você, o governador? Não. Esse negócio de prometer casa que a gente não pode pagar é balela, é conversa pra boi morto. Eles jogam a gente é num esgoto. Pr'onde vão os coitados dos urubus? A

cachorra, o cachorro?

Com acidez, Freire em sua narrativa ficcional, denuncia os dilemas do urbano e suas formas de violência moral. A resposta negativa à outra possibilidade de existência, ao mesmo tempo, que possibilita ao leitor o sentimento de espanto ao se deparar com a preferência a não incorporação a uma nova ordem, já que é justamente o cenário de exclusão que possibilita a esses indivíduos o acesso a bens concretos e simbólicos, também permite a reflexão sobre a pouca eficácia das políticas sociais em atender as demandas dos menos favorecidos. No entanto, como lembra Patrocínio, o discurso de Freire se desenvolve sem a preocupação de construir uma situação de vitimização, assim, apresentando suas personagens enquanto indivíduos reais que adotam estratégias de enfrentamento para situações de privação.

Considerações Finais

Pensar a produção literária de Freire articulada às suas práticas artísticas não necessariamente nos lança em um campo de associação em que a obra figura como uma espécie de espelho do autor. Na verdade, tal caminho parte do entendimento de que suas aparições, tanto em eventos artístico-literários como virtuais, ocupam uma dimensão importante no campo dessa poética desobediente. Decididamente, Marcelino quer ser um escritor das ruas, do encontro¹¹.

Não seria forçoso constatar que, entre os autores da atual geração, Freire se mostra como um dos mais acessíveis _ e por que não dizer um dos mais acessados¹². Quem se interessa em acompanhá-lo para além dos mundos disponíveis em seus livros, pode encontrá-lo em eventos literários realizados em diversas partes do Brasil, em cursos ministrados pelo próprio escritor, no circuito boêmio, na internet. Trajando calça jeans e camiseta polo, em geral, com cores frias, assume a roupagem de um homem cotidiano, daquele que encontramos facilmente em livrarias ou no botequim, na Bahia, em São Paulo,

¹¹ Em caminho próximo ao de Marcelino, de procurar a voz das ruas, podemos situar nomes como o de Sérgio Vaz. Idealizador de um dos principais eventos culturais fora dos grandes centros hegemônicos, o sarau da Cooperifa, realizado em um bar da zona sul de São Paulo, o sarau promovido por Vaz reúne indivíduos comuns (estudantes, donas de casa, trabalhadores) criando um espaço próprio de relação com a palavra.

¹² Suas entrevistas e leituras no canal de vídeo youtube possuem o registro de milhares de acessos. Igualmente movimentada é sua conta na rede social twitter com mais de 2000 seguidores.

no Rio de Janeiro ou no Pará. A antiga imagem do escritor enquanto intelectual isolado em seu mundo não lhe cabe. Muito menos a preocupação em entrar para o cânone da nossa literatura. Nas palavras do escritor:

Sei que a minha literatura, o caminho que ela trilhou até agora, por exemplo, ajudou a minha mãe no final de sua vida. Ela que deu a vida pelos seus filhos. Enfim... Eu já estou bem, eu estou em paz, é isso o que eu quero dizer. No dia em que eu acreditar que eu já entrei para o cânone, na verdade, podem me enterrar. Enterrem os meus ossos. Eu entrei foi pelo cânone. Eu me fodi, podem apostar¹³

Freire busca a conversa. Se mostra disponível. Não desempenha apenas o papel de falador, também quer ser um bom ouvinte. Escuta as personagens que estão nas ruas. Constrói junto, em parceria. É pelo outro que sua escrita caminha. Não de forma isolada, se abstendo, se colocando de lado, calando-se. É justamente rasurando os limites entre o Eu e o Outro que se delineia sua poética. Quem pretende criticar a ausência do Estado, as desigualdades sociais, os amores não-convencionais, a violência urbana? E mais, que papel desempenharia o leitor junto a uma obra que se desenvolve sugerindo a inclusão? Nesse sentido, vale lembrar que os textos de Marcelino são repletos de interrogações, de perguntas, de questões postas na mesa para serem debatidas.

Para uma obra desdobrar-se assim, oferecendo várias camadas, faz-se necessário um gesto, um convite. E a coreografia desenvolvida por Marcelino tem o poder de confundir quando sua maneira de se comportar escapa aos limites da página branca. Na verdade, este parece ser um dos grandes desafios propostos por esse escritor que insiste em se fazer presente para além de seus textos. Marcelino tem um corpo, uma voz. Quando criança foi ator de teatro, fato sem dúvidas relevante para a consolidação de uma desenvolvida relação corpo-ambiente. Como ressalta Miguel Conde:

O talento performático demonstrado em suas leituras públicas, o efetivo domínio de palco que ele se vale para contar suas histórias, seriam indicação suficiente dessa continuidade. (CONDE, 2008, p. 16)

O corpo participa, está presente, traz consigo as marcas das experimentações do mundo. Quando Marcelino se põe em cena o repertório de suas vivências é acionado. Ser nordestino não passa despercebido. É referência.

¹³ Entrevista concedida ao site “Livre Opinião” em 17 de abr de 2014. Disponível em <http://livreopinio.com/2014/04/17/marcelino-freire-a-literatura-que-eu-escolhi-fazer-ja-tem-me-levado-a-lugares-aonde-eu-nem-imaginava-estar/> Acesso em 12 jan 2015.

Sua forma de falar, seu sotaque, seu ritmo, distingue-se de outras dicções, mesmo que suas histórias possam ser vividas por qualquer indivíduo marcado pela exclusão, seja qual for sua localização espacial. Desse encontro entre corpo-voz-regionalidade irrompe uma escrita que é quase uma canção de tão melodiosa. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio utiliza a expressão conto/canto para se referir à musicalidade presente na literatura de Marcelino (PATROCÍNIO, 2007). O próprio Marcelino destaca esse seu jeito próprio de construção literária. Em suas palavras:

“Sou muito movido por essa sonoridade, musicalidade das frases, cantoria, improviso nordestino. Um escritor não conta uma história, ele compõe. Por isso as pessoas, quando leem, pensam: “Poxa, parece que tem uma sonoridade; quando vejo tô lendo como se tivesse tomado por aquele ritmo.” Isso é muito próprio da literatura nordestina, do improviso, da cantoria, da ladainha”¹⁴.

No entanto, tal sonoridade não soa de forma harmônica. Muito pelo contrário, insere-se em um quadro ruidoso. Como palavra de desobediência, a literatura de Marcelino Freire se desenvolve a partir de uma chave diferente da adotada por autores que também tratam do universo periférico. Ao trazer para o centro da narrativa, indivíduos de trajetórias marcadas pela marginalização, não como seres revoltados contra um sistema de exclusão, mas como personagens que soam ainda mais provocativos quando apresentam um total desprezo a lógica social impondo uma forma de lidar que lhes é própria, sua narrativa ecoa como um ruído dentro do próprio ruído, dentro daquilo que já se fazia soar como incômodo. Analfabetos que recusam o caminho da escrita, homens individoados que colocam seus corpos à venda, mães de família que recusam a paz, entre outros estão os personagens que desviam das normas de conduta esperadas, evocando posturas não convencionais, dessa maneira, revelando-se como fenda, como fissura, como rompimento.

¹⁴ Disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/movido-pelo-aperreio-marcelino-freire-da-um-belo-vexame-literario-cu-escrevo-e-palavras-socorrem-27648/>. Acessado em 03 maio de 2015.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Júlia. **Textualidades Contemporâneas: palavra, imagem, cultura.** Vitória: EDUFES, 2012.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELTING, Hans. “Arte universal e minorias, uma nova geografia da história da arte”. In: **O fim da história da arte.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

CONDE, Miguel Bezzi. “A retórica do verdadeiro em Marcelino Freire”. In: RESENDE, Beatriz; FINNAZI-AGRÓ, Ettore. **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil.** Rio de Janeiro: Revan, 2014.

_____. **Vozes e caricaturas: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro, 2010, 88 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FERRÉZ. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica.** São Paulo: Editora Agir, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

_____. **Objetos Verbais não identificados.** Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/21/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.asp> Acesso em 14 março de 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Marcelino. **Angu de Sangue.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

_____. **Balé Ralé.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Contos Negreiros.** São Paulo: Ed. Record, 2005.

_____. **Rasif: mar que arrebenta.** São Paulo: Editora Record, 2008.

_____. **Amar é crime.** São Paulo: Editora Edith, 2010.

_____. **Nossos Ossos.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

Marcelino Freire lança romance 'autopornográfico': 'O lugar da minha escrita é o lugar do grito'. Depoiment. 26 jun. 2014. G1. Entrevista concedida a Luciano Trigo. Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/marcelino-freire-lanca-romance-autopornografico-o-lugar-da-minha-escrita-e-o-lugar-do-grito.html>> Acesso em 30 maio 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GOMES, Renato Cordeiro. Manguê: a margem e o imaginário. In: PATROCÍNIO, P. R. T. (Org.); PENNA, J. C. (Org.); FARIA, A. G. (Org.). **Modos da margem**: figurações da marginalidade na literatura brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

_____. Espectros e herdeiros da nação. In: OLINTO, Heidrun e SHØLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). **Cenários contemporâneos da escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**: estética, mídia, cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LADDAGA, Reinaldo. "Uma fronteira do texto público: literatura e textos eletrônicos". In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLMMER, Karl Erik (org). **Literatura e mídia**. São Paulo: Loyola, 2002;

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Ciberletras – Revista de crítica literária y cultura, n.17, julho, 2007.

MACHADO, C. E. **Folha reúne quatro autores para debater a ficção feita no país**. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jul. 2003.

OLINTO, Heidrun Krieger. "Processos midiáticos e comunicação literária". In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLMMER, Karl Erik (org). **Literatura e mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.

OLINTO, Heidrun e SHØLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). **Cenários contemporâneos da escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

OLIVEIRA, Nelson de. (org). **Geração 90**: Manuscritos de computador. São Paulo: Boitempo, 2001.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Contos negreiros: a escrita como forma de aproximação do outro. In: DELTRY, Giovanna (org.). **Alguma prosa**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____ **Escritos à margem:** a presença de autores da periferia na cena literária brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

PATROCÍNIO, P. R. T. (Org.); PENNA, J. C. (Org.); FARIA, A. G. (Org.). **Modos da margem:** figurações da marginalidade na literatura brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** Estética e política. Tr. bras. de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos:** expressões da literatura brasileira o século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008

_____ **Os deslimites da literatura.** Valor, São Paulo, p. 9 - 9, 11 fev. 2011.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. **Mutirões da palavra:** literatura e vida comunitária nas periferias urbanas. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília - DF, n.22 jul/dez, p. 47-61, 2003.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo:** uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SHØLLHAMMER, Karl Erik. “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira”. In: **Linguagens da violência.** PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Et alii. (Orgs). Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____ **Ficção Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____ **Cena do crime:** violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela:** do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Ed. Fund. Getúlio Vargas, 2005.

VIEGAS, Ana Cláudia. Adriana Lunardi: assinatura, filiação e inscrição na cena literária. In: **O futuro pelo retrovisor:** inquietudes da cena brasileira contemporânea. CHIRARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna e VIDAL, Paloma (orgs.). Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Abstract: The constant presence of terms such as "multiple", "heterogeneous", "diverse" in the records of intellectual production that takes the contemporary as a subject gives tension to the movement, increasingly frequent, of the shock in traditional demarcation of disciplinary borders. The current thinking is to have in mind the growing dialogue between languages and genders forms. In this scenario, the study of history has been open to various encounters, offering other forms of relationship with the sensitive. In this paper, we try to think possible intersections between problematizations on contemporary writing in the field of history and literature. To accomplish this enterprise, we refer the production of the writer from Pernambuco, Marcelino Freire, one of the leading names in Brazilian fiction who question the current literary scene. Through the book space, Freire chooses as protagonists marginalized individuals that from their attitudes expected challenge the expected.

Keywords: Marcelino Freire - History – Literature
